

CRUZEIRO SEIXAS

)
décima (ABERTA

CRUZEIRO SEIXAS [1920-]

— 50 POEMAS —

Artur do Cruzeiro Seixas, OBRA POÉTICA, 3 volumes, Vila Nova de Famalicão,
Quasi, 2002-2004.

Quando eu morrer
ponham-me à janela como uma prostituta
a escrever poemas sobre poemas
até atingir a altura do Empire State Building.
E quero ainda construir labirintos de vidro
sobre estratégicos cavaletes de pintura.
Sob as carpetes das embaixadas
procurarei a sepultura de Gilgamesh
e então serei tão bom filho
como bom pai.
Comprarei o carro vermelho em que todos me viram passar
não passando
para o ir ver despir-se como um marinheiro
depois de percorridos
quilómetros e quilómetros de nuvens de algodão.
Escreverei a todos
ausentes e presentes
e reunirei no meu lar as mais repelentes moscas
com que passaremos agradáveis noites de candidatura
a consultar os mapas
beberricando whiskies.
Então conseguirei tempo para invejar este e aquele
e tomarei artísticas poses de bronze para dormir.
Das fomes e dos heroísmos contarei histórias de arrepiar
dando volta à arena enlouquecido
com dez farpas no cachaço,
aplaudido pelo povo.

Evidentemente que aos familiares e amigos
competirá dar ordem alfabética a este projecto festivo
que para provar a minha genialidade
um Gulbenkian qualquer
pode muito logicamente subsidiar.

... tu onde um grande chapéu solar tanto cega quem o usa
como o transeunte desprevenido
esse a que só resta fugir nu para o interior
da sua própria cabeleira
e aí contar eternamente pelos dedos
a tua estatura a tua sombra no chão
o que ouve a tua boca o que dizem os teus ouvidos
ou entre infinitas extensões de areia a tua face
o gesto de me dares a mão
de afastares as árvores para sair o que resta de luz negra
de abrires o teu peito no capítulo segundo
onde o beijo em tamanho natural ainda existe.

Há milhões e milhões de anos
que alguém escreveu na parede junto da grande escada
«MEU AMOR»
e isso foi o irresistível primeiro passo da estátua
com a sua armadura de plumas e cornos
contra o eco repercutido para lá do horizonte.

Meu amor tão distante
somos nós a estrada por onde passa
o carro triunfal
em que radiosos seguimos lado a lado
mais eternos e exaustos que o último homem
com uma só coroa de amor e de ódio unindo as nossas cabeças
encimada por um deus
em três pessoas
animal vegetal e mineral.

Ali mesmo paredes meias com o fogo
estava talvez eu
olhando o tecto como se olha um prado
com rapidíssimos malmequeres descendo a abismos profundíssimos
onde incessante murmurava uma fonte de trevas
de sangue de horror
verde-bronze.

Olho-me em função do que vejo nos outros
quero dizer
que os outros são o meu espelho.
Sou por compensação e por reacção
e assim espelho de feira
o desequilíbrio cósmico
não me é dado.

A minha problemática parte daqui.
Evidentemente que deveria ser o contrário disto
não ouvir não olhar não comparar
ser eu ainda
um oceano desconhecido.

Mas pelo contrário sei que sem os outros
não seria movimento;
tudo o que faço é como uma reacção à chicotada
que é minuto a minuto
o dia-a-dia.

Escrever ou pintar
não parecem forma de me encontrar
de me esconder de te encontrar.
A lentidão destes veículos
é sangue no asfalto.
Não tenho certezas a incutir nos outros;
as chaves que uso ou que vejo no espaço
todas me parecem excessivamente frágeis
ingénuas viciadas
para a grandeza requerida do empreendimento.
Tudo o que faço e o que não faço
transcende de muito no entanto
o visível o palpável
o imaginável.

Entre mim e mim
há o infinito da proximidade.

O caminho aberto ao homem
é o do erro
a mentira a deturpação o sub-reptício;
é em todos os pontos cardeais
a impossibilidade absoluta de comunicar.
Que de terríveis concessões para chegar a este amor sublime
que ninguém vê!

Será que os espelhos
agem por medo
em estado de pânico?

Cada peito uma rocha
e tudo espelhando a dissonância
como uma jangada
enquanto esperamos da chuva uma qualquer verdade
— qualquer serve —
para enganar as fomes em equilíbrio instável
entre dois continentes incontinentes
um a vida como um mineral
outro a morte esse vegetal eternamente desconhecido
no mar
como num leito em fúria.

Se me leres com atenção
aprendes fiel discípulo
a maneira de encontrar o relógio de ouro
que perdeste há séculos
naquele burguês passeio de barco.
Um dia descobrirás estou certo
que a sombra
é muito mais pesada que os seus heróis.
Recomendo-te um pouco menos de musgo sobre o muro
sobre os ombros dela
sobre o sexo dele;
deves aguardar o suficiente para que a analfabeta caneta
possa manter o diálogo com o eco.
É com satisfação e orgulho
que te vejo estender as palavras ao sol
e no leito ao luar
semear mondar ceifar sulfatar.
Se há sementes ainda verdes e ácidas
uma centopeia é o suficiente
para alegrar toda uma praça.
Com a consciência dilatada
querido discípulo enfim
poderás possuir-te pelo buraco da fechadura.

O poema
queria-se vir.
Tinha os olhos fechados
e arfava.

A luz ali
cantava verdes canções
logo trocadas
pela música interior
que se parecia com
algo jamais inventado.

Então gesto a gesto
o poema
ganhava asas
quando era desnecessário
voar.

Invejoso o silêncio
mordia-nos as pernas
e todas as coisas
todas todas todas
nos queriam olhar.
Mas não cabiam tantos olhos
no espaço infinito
daquele espaço.

Lento lento lento
tu imitavas então
um qualquer fumador
visto num filme
lento lento lento e másculo
naquele verão.

Cada poema
cada desenho
são os marinheiros que navegaram na minha cama
são uma revolução não só gritada na rua
são uma flor nascendo nos campos
e é o luar e a sua magia
e é a morte que não me quer
e é UMA MULHER
surpreendente como um marinheiro
luminosa como a palavra REVOLUÇÃO
tão natural como o malmequer
tão metafísica como o luar
tão desejada como a morte hoje
A MINHA MÃE
infinita e profunda
como o mar.

Amo-te
mas não tenho
alegria para te dar.

Estamos no verão
e as pessoas partem para a praia
como quem cumpre uma obrigação.

A areia está triste
e tristemente o mar
imita o mar.

Não é de paz que fala
esta pomba suja.

Uma dor revela-se
e lentamente
se consciencializa.

Sem sentido
amo-te
cada vez mais.

De tantas cartas te escrever
acabei como uma borboleta perante a extensão do mar
ou como uma ilha verde
caindo desastradamente sobre
o final do primeiro acto.
Mas isto são histórias para crianças grandes
que provavelmente alguém mais tarde
vai traduzir para russo.
Recordo antes uma vez em que eu e ele
(tínhamos vinte anos!)
sentados alta noite no Cais das Colunas
deixámos a maré subir por nós acima
com toda a sua história,
naquele azul escuro de tinta de escrever.
Ou ainda quando a revolução
(qual revolução?)
nos encarregou da difícilíssima missão de nos deitarmos juntos e nus
num quarto o mais barato de uma qualquer pensão
toda de vidro.
E ainda aquela outra vez
em que éramos três sobre umas rochas
e a lua
e a mão do terceiro levou a minha boca
comovidissimamente
até à boca do segundo...

O que lhe dá prazer Senhor
é ele sentir a mão
ou a mão
que o sente a ele?
Toda a explicação
será em vão.

A vela branca
vagarosa
no corpo dele
desce
à luz de uma rosa.

São tuas as minhas mãos
são tuas.
As aranhas olhando o mar
acusam a natureza
e catedrais até às nuvens erguem-se sobre o teu corpo
num gesto que jamais trai
os sonhos do vento.
É verdade que a parede mais invisível
se torna objecto de sofrimento
jorrando ininterruptamente sangue
como apenas uma fonte.
Quando antevejo o teu peito
é toda a extensão da falésia que respira enfim
magnífica como um lugar
sem identificação possível.
E digo-te em segredo que és a nudez da nudez
mais azul que o azul
mais água do que a água
mais espelho
que todos os espelhos
na terra
e lá no céu
ou nos infernos.

POEMA DA PROFUNDIDADE HORIZONTAL

Pintem uma paisagem dentro de outra
porque nisso está a verdade.
Olhem como avançam cautelosamente
pela falésia a pique;
uma curta aprendizagem
na agulha da torre
bastou.
Olho-te como para uma lente de aumentar,
uma luz para mais iluminar,
como se fosses antes de haver luz
uma pedra preciosa,
a causa das guerras:
dorme sobre os joelhos
e sente
revir ao mesmo tempo
automaticamente
os braços superiores laterais
enferrujados,
como a luz do velho farol.
Beija os dez cães que há dentro de um cão vadio,
os cem homens que há dentro de um homem,
de tal maneira que
o ar fique em chamas
e seja a única salvação
a mão do mar eternamente
na nossa frente.

Olha
as gotas de água
serenamente pousadas
nos teus cabelos:
as nuvens que passam
tão lentamente,
ignora-as,
como às divindades
cheias de ouro.

Anda espreitar
o que há dentro
de um desejo,
estes pinheiros verticais,
os pedaços de túnica azul por cima de nós,
a fimbria tocando no horizonte.

Tornemos possível viver
no fundo um do outro,
eternamente,
animais que vemos
na sua pequena concha,
escutando a voz do mar.

Viver é deixar que a morte
nos devore lentamente
e todos os gestos que fazemos
não nos salvam inexorável.

Os poucos que conseguiram
percorrer todo o espaço,
das maiores profundidades aos mais acerados cumes
não dão notícia de terem encontrado
nada mais
que a sua própria esperança,
que a sua própria dor,
que a sua própria alegria,
o seu amor ou o seu ódio,
— a sua própria estatura.

Sim meu mar
é bem verdade o que te digo
quando me pedes que te fale
da vida:
só quando o homem
é igual em beleza
a outro homem
pode fazer do outro um retrato.
Ele pode
mas na verdade quando faz o retrato
fica afinal um retrato dos dois
na mesma tela
sobrepostos.

Assim se quiseres
descrever uma paisagem
é não só a ela
que a ti também
que descreves.

A beleza de que falo
meu mar
é toda a beleza
a do homem bom a do homem justo
a do assassino
a do louco

que tudo é eterno
quando é grande
como estas águas
ignorantemente profundas.

Há tantas maneiras
de dar um passo em frente
e dizer
«eu amo a vida»
— mas para a vida
dizer que nos ama
há
esta estrada infinda.

... queria-te falar meu amor
das mil posições
que os braços permitem
e as pernas e os dedos e os cabelos
e a luz
que tem pouco a ver
com as posições celebradas por Krisnamurti.

Refiro as mil posições intermédias
inscritas no espaço
que apenas os cubistas
tentaram recolher.

Os surrealistas esses
caçavam outras aves
invisíveis
— as aves que estavam por dentro
das aves.

Faço amor
e em cada gesto intermédio
a natureza vibra.

O gesto
(tantas vezes sonhado)
de nos saudarmos
quando enfim
nos encontrássemos
foi tomado
pela vida
como um gesto
de despedida...

... e mesmo assim
sei que o diabo que há dentro de cada um de nós
teimará sempre
em agitar uma insensata esperança.
Naturalmente que nos rimos até às lágrimas um do outro
o meu diabo a esperança e eu
e no entanto morreremos no mesmo dia e hora.
Depois o que fica é um fogo-fátuo
com que qualquer criança pode brincar
— se ainda houver crianças.

Se o amor existisse
enquadrado neste mundo que conhecemos
deveria ser tão horrível
como o crime;
os apaixonados fariam aquilo que faz o assassinado
em relação ao criminoso
fugir
porque insuportável seria olharem-se frente e frente
mais do que um milésimo de segundo
sem que a D. Morte adejasse em estilo sineta
o orgasmo.

Agora
é como se enfim me tivesse sido dado chegar a uma janela.
É vasta a paisagem mas realmente
não é mais tranquilizadora que os subterrâneos
as escadarias os salões de enviesado traçado
onde a luz é indecisa.

Lá ou aqui
pelos cantos
símbolos sobre símbolos.

Sei no entanto que agora
podia facilmente conquistar o equilíbrio
a monumentalidade
erguer numa das mãos tão alto quanto possível o (pouco) que sei
(ou sabemos).
Mas todo o meu esforço será canalizado para viver ainda
não para o equilíbrio a monumentalidade as certezas
e se escrevo isto que escrevo secretamente
é porque escrevendo caminho
e caminho suportando as costas todo peso da desesperança
sabendo embora que é necessário ter esperança
esperança esperança
e que é ridículo
e dramático
que a humanidade ainda precise de a ter.

Admiro intensamente o esforço para recriar o mito
mas sei que o homem
merecia outra coisa
— uma realidade
que fosse realmente mítica.

A abelha pica
pica pica pica a abelha pica
dizia uma criança
enquanto voejava pelo jardim.
Pica-pau Pica-pau Pica-pau Pica-pau
respondia outra
enquanto baloiçava as pernas
olhando uma formiga.
E eu
criança de 50 anos de passagem por ali
dizia
dentro de mim
pau feito pau feito pau feito pau feito
nesta terra
sem princípio nem fim.

Eu sei meu amor
tudo é impossível
mesmo todo o possível.

É impossível ir além desta solidão
onde pairam coisas ensonadas
e onde as pessoas se entredevoram
sem ficarem saciadas.

É tão impossível uma flor
como eram impossíveis as bombas atômicas
que deixámos florir sobre Hiroxima
— por amor.

São impossíveis os astros
visto que já será possível a viagem que temos de fazer para lá chegar
— talvez para lá amar.

Mas como te encontrar
neste labirinto
mesmo se ele existisse apenas
na minha imaginação?

Alguma coisa faltaria ao nosso amor
para ser realmente
não apenas em teoria
o amor que pressinto
em forma e cor.

Dizem que há dois ou três amores em cada século
e isso que é impossível é possível
nós o sabemos
procurando-nos nesta cama desalinhada
na pureza do desalinho dos cabelos
na solidão das esquinas nas grandes cidades.

Qualquer coisa superior há séculos e séculos de horror
a séculos e séculos
qualquer coisa mais forte que todo o nosso desejo de amor
qualquer coisa que se ergue entre nós e
entre nós e nós
entre nós
a nossa morte
— também essa verdadeiramente impossível
nestas esquinas em que pontualmente nos desencontramos
no labirinto das camas onde nos perdemos.

Somos monstros
ou há um monstro que tudo sabe
lá no seu refúgio no impossível?

DEDICATÓRIA

Meu amor
além desta noite
não tenho que dar

Assino a um canto
e aqui está para ti
— com as minhas desculpas
por daqui a nada
ser já manhã

Um dia
tinha os meus 13 anos
queria comer um bolo
e não tinha dinheiro para o comprar
— nem os havia
dinheiro ou bolo
em casa de meus pais.

Comprei muito mais caro
um que estava só com uma dentada
(pequena)
caído do chão.

O ter eu tomado o gosto
a comer bolos já com dentadas
e apanhados no chão
chama-se perversão.

O vento
reconheço que
com um certo excesso de imaginação
brincava com a camisa velha
do rapaz
que está sobre o telhado
de um prédio abaixo do meu.
Tive
inveja do vento.

Vem como uma carta
de um rei para outro rei.

Vem;
o fogo contigo comparado
não vale nada.
Vem.

Sei que o teu sangue circula por dentro do meu sangue
e que nas minhas lágrimas
inexistentes
navegam obscuros países.
E então glorifico as descobertas
as grandes navegações
a abordagem do corpo inteiro
o recorte da costa
o tríptico aberto e fechado
solenemente
magicamente
tantas vezes quantas o mar entrou na minha cama
em forma de anjo caído
até bater contra o muro ao fundo
ao fundo do mundo
ao fundo de ti e do jardim celeste-terrestre
até ao fundo.
Com um enorme esforço afundo as árvores que navegam no espaço
e fundo a cor das coisas adivinhadas
aceno das raízes
brasões transparentes
esqueletos sobre a escaldante areia
piratas olhos nos olhos pernas sobrepostas
e as florestas
divina descoberta da mão em gritos de gaivota
invejosas dos bandos de pelicanos nos boulevards
ou a toilette soignée dos flamingos.

Mas apesar de tudo deves ouvir ainda a opinião das pedras
esses animais planetários que alimentam sexo ao seio
e depois é vê-los que ascendem nos abismos
entre o bom e o mau insecto
de cristal
num luar de ópera
num mundo que ainda hoje nos une
num espasmo de pavor

O OUTRO MARINHEIRO

O teu corpo milímetro a milímetro
a cor o cheiro a pele
o movimento
— e independente o teu sexo —
as mãos grandes e lentas
mas infatigáveis
o pulsar exaltado do teu coração.

O rumor pressentido do sangue correndo nas veias
o teu rosto invisível no meu pescoço
ou aparecendo luminoso e rápido.
A tua barba nos meus ombros
e de súbito algures
os teus lábios escaldantes fazendo pressão
e rapidamente
os teus dentes.

A maneira tua de amar
igual por certo
mas tão diferente
essas pernas infinitas e fortes
cabelos e pêlos
onde me prendo
como os afogados entre as algas.

E o que dizes
palavras incompreensíveis ou sem sentido
mistérios
um grito
a sensação súbita de uma subida vertiginosa no espaço
e de uma mais vertiginosa descida
abraçados estreitamente
— um no outro —
como se fôssemos o eixo de mundo.

Oh meu amor
isto é um quarto?
E isto uma cama?

As coisas são isso e outras mil coisas
próximas e distantes e inexistentes
e no entanto
sublinha o nosso frenesim
um pregão de súbito ouvido lá fora
uma buzina
a luz assustada da madrugada.

Depois
no fim sempre adiado
o teu braço ainda me estreita
a tua boca que ainda procura a minha e com ela se estende
num alfabeto que comunica sinais a todo um universo.

Inesquecíveis palavras de amor tuas
e os teus olhos
— grandes e negros abertos —
na página que mostra todo um sistema solar.

Há uma espécie de flor
que vejo naquela rua.

Por isso por ali passo
como se isso fosse necessário
à salvação do mundo.

De tanto olhar a flor
um dia
soube enfim o seu nome.

Olhou-me
e disse:
sou António...

Quero
quero para mim
o teu amor
quer sejas bicho
mistério
pedra nuvem
ou flor

Olha como o Mar dorme
abraçado ao Mar.
A solidão não existe
até tu e eu
como dois companheiros fiéis
podemos contar
pessimista amigo meu
com a sombra própria
durante a vida
e os ossos
na eternidade possível.
Sim amor meu
recordo quando a noite
era mais Mar
que o próprio Mar
e ouvíamos palpar numa pedra
— assustada —
o coração da própria morte.

Olha
olha como o Mar
se agita
sobre o Mar.

Esta lua
este leite
este leito
este lençol branco irreprimível
e o casamento do sol com a maior escuridão
que está em si.
Um leme no crepúsculo poliédrico
e do outro lado
as portas e as janelas inúmeras do céu que temos
com seus labirintos exteriores.
Da distância espreita como uma lâmina
o mesmo viajante
na mesma viagem
ao finito do infinito.
Como o fogo meu amor
o amor ainda não aconteceu.

Faças o que fizeres
já nada faz o tempo parar de espanto
de curiosidade
de comoção
de ódio ou de amor
diante do simples movimento antigo
de colher uma flor.

O tempo foge de nós
meu amor.

Repito o teu nome que já não é um nome
mas antes uma porta
ao fim deste corredor que sigo
alucinado.

Em ti se encontram todos os segredos
todas as paisagens que há por trás de todas as fronteiras
possíveis ou impossíveis.

Arde de ti
em mim
um enorme sol
e lá fora recomeçam os gritos e os sinos

Beijo os pés do nosso amor
e temo que ele desperte deste sonho que conscientemente sonho
e embarque
para os inúmeros itinerários
que são os seus.

É que viagens
meu amor
estão nas tuas palavras
estão nos teus olhos
na tua boca nos teus cabelos
na praça onde se abre o teu sorriso
a entrega total
— mas tudo isso é para além do amor

passa como a bala que ultrapassa o alvo
que se lhe depara
quase lúcido

Ao cimo da escadaria permaneces.
És de água corrente
— ou eu deliro

Amo-te meu mundo
meu sistema métrico
meu planetário
e logo as coisas se agitam
e são um mar
se pronuncio o teu nome
no mais fundo de mim.

Peço-te o que se pede aos deuses
— o impossível!
Peço-te todos os naufrágios
todos os que morreram jovens
o ruído dos navios gemendo nas tempestades
todos os tesouros perdidos
todas as rotas ainda desconhecidas

Ama-me peço-te
não pelo que sou
mas pelo que
tão longe
segrega essa voz em ti

É difícil
é talvez impossível
— mas vê —

tudo é impossível para o HOMEM;
inventar o fogo
a roda
dobrar o Cabo Bojador
desintegrar o átomo
e para além de tudo
chegámos aqui
quase inteiros

Aqui que do escuro ainda apela
é que um no outro
no infinito
temos a tactear

É aí que um fruto já podre
desce à terra
gerando esta astronave em que embarcamos
pilotos cegos diante da tal porta que és
ainda e sempre aberta fechada
inexistente

A luz é por demais crua
quando a tua mão procura a minha mão
quando as nossas bocas se olham
frente a frente

Bocas e mãos
e tudo o resto
— que o saibam os deuses —
são países que vamos descobrindo
por estes quartos
e por estas ruas

Só confirmou a tua beleza
o tempo que estive sem te ver:
há pouco
ao olhar-te
ficou-me a sensação triste
de não te merecer
— se te fosses todo
como o que dás a ver...

Só tu sabes só tu sabes
como é azul o meu coração
do mesmo azul do sexo das chamas
só tu o sabes.
A minha mão vai de visita ao teu corpo
como se fosse a única mão do mundo
mas quando o vento traz uma pena leve
olha que é uma pena de morte
em qualquer parte.
Olha tudo o que está escrito
em bronze
lado a lado do amor
por toda a parte.

O farol diz
odeio-te meu amor
odeio-te
meu amor
odeio-te
meu amor
odeio-te
meu amor
odeio-te
meu amor

CONVENTO DOS CAPUCHOS EM SINTRA

Aquele convento é a minha carne!
Quem ali tentou partir para o além enganou-se
pois o além era ali.
Os enormíssimos penedos rolantes
eram a emoção urgente
como nuvens de pedra pousadas na terra
ali a reabastecer-se de almas.
E os monges amaram-se como quem ora?
Presas por um ténue fio no espaço
adeja a imaginação?
No espaço mínimo
de cela em cela amo-os na plenitude do pecado!
Quantos eram?
Nus por dentro
tinham o corpo bellissimo e sangrento de Cristo
e no seu sítio próprio os mesmos cabelos
os mesmo músculos as mesmas fendas.
Como um louco amo-os ali.

Corre submissa de uma fonte de há séculos a mesma água;
Aproximo os lábios das palavras que correm cristalinas
e líquidas de rocha e que são as únicas
que iludem a minha sede;
Mistério Mistério Mistério...

Queria confessar-te
tudo o que tenho e o que não tenho
mas nem sequer sei se ainda estou vivo
depois de tantos naufrágios.
Duvido daquilo que vejo
cercado como estou por relógios
tão efémeros como as nuvens.
Os meus olhos
já não acreditam no mar que reflectem.
Os ombros ficaram lá para trás.
O nevoeiro oculta por completo
aquilo que já dificilmente era visível.
E é em vão que as unhas ferem o espaço.
Os labirintos têm agora
setas indicadoras do sentido do trânsito
e há em todos os recantos
abandonadas gargalhadas obscenas.
Há um verso que se esqueceu do seu próprio leito
e que é uma terrível ameaça às gaivotas.
Estes dias não são convincentes!
Olha meu amor os insectos
e o pouco espaço dado ao luar.
As palavras
são tomadas do tremor dos grandes momentos.

Algures um grão de areia procurou outro grão de areia
e ninguém escreveu a sua história.
Os manuscritos são levados pelo vento
para países de analfabetos.
Um gato e um cão fazem amor
e um dinossauro olha-os do fundo dos seus preconceitos morais.
Estamos no princípio ou no fim?
Esta mão é a minha ou é a tua?

O espelho saiu
levando a tua imagem.

Amor
amor meu
meu amor meu amor
que não existes
ou que não existes inteiro
que estás ao meu lado
mas que és e não és
que me matas e geras
em cada hora.

Sem pés
nem cabeça
que bom viver
chegar à janela e dizer
adeus a deus
e pensar racionalmente
que no ano seis mil
vamos de facto ser todos iguais.
É esta agora a minha certeza
sou feliz
feliz demais.
Só há um pequeno pormenor obscuro na mesa
se seremos todos igualmente inteligentes
ou todos igualmente burros.
Chego à ejaculação em mil novecentos e cinquenta e oito
num berro
imaginando optimisticamente
triliões de Beethovens
triliões de Freudes
triliões de Migueis Ângelos
triliões de Camões
triliões de Churchills
triliões de Estalines
e todos felizes felizes
a comerem o mesmo biscoito.

... é mais que evidente que Deus
em dado momento
achou que eu já cá estou a mais.

E se eu hesito para matar uma barata
Deus não hesita nunca
e um perdigoto seu
é o suficiente
para esmagar um qualquer Cruzeiro Seixas.

Além disso o mar
as árvores o pôr-do-sol aquele rapaz moreno
já me fizeram sentir
que consideram desperdício
exibir-se para mim
na plenitude que exibiam há alguns anos;
as coisas fogem escurecem-se
mostram-me apenas uma pequeníssima parte da sua presença
olham distraidamente para o outro lado dizem NÃO.

Evidentemente que acabei por perceber e aceitar
pois de facto já não há espaço para mais nada
nos armários e nas gavetas da minha alma
e do meu corpo.

Concordei
— mas agora é a D. Morte
que também não me quer...

É lógico?
Não
é biológico
— quer dizer
duas vezes lógico.

Eu queria sair daqui ficando
e entrando por outra porta
encontrar outras paredes
para dormir comigo
no meu labirinto.
Queria abraçar o que me agarra
a esta mesa
a este fragmento de mim
o que me agarra às minhas próprias mãos
— à tua sombra.

Queria
quando a tarde baixar inexorável
beijar na boca
o que me agarra.

Pronuncio ou escrevo
a palavra mar
ou a palavra rapaz.

Penso e escrevo
coisas que não existem.

Dos túmulos os espelhos
gritam qualquer coisa ainda incompreensível
aos ventos
mais simbólicos.

É na rosa
que a emoção desfolha
as engrenagens
perfazem o retrato
que me olha.

Sei que muitas vezes
— na tua ausência —
beije na boca o luar
ou adormeci
abraçado pelo Mar.

... corre a água ferida
e a linha do horizonte
torna-se uma seta
ignorando arco e arqueiro.
A minha armadura fendeu-se
e entrou a luz
que me cegou.
Pela fenda hiante
como um novo braço
saem perguntas de todas as cores
em forma de pedras
um diadema uma carta
um botão dois botões três botões
uma corrente infinita
ligando uns aos outros
os prisioneiros.
E este dia 10 de um casual Novembro
neste leito
onde sob os lençóis perturbados
o meu amor ainda sonha.

Na noite serena
tu eu e a romãzeira.
Tudo é luar
e no entanto
a inquietação róí as sombras.

Resta a certeza
de que o nada
não existe.

Ficar contigo
no mesmo colchão
o sono posto de lado
e eu fardado de Adão.

Ficar contigo
numa posição
de mar de lua
de serra ou trovão.

Ficar contigo
— e amanhã
ser o descobridor
heróico
e vão.

Penosamente é ver os homens arrastando abismos
um touro em flor
um piano guardando no peito
uma palavra morta
— assim vão de porta em porta —
fingindo-se indiferentes aos vulcões
que se esforçam em cada esquina
enquanto tu
precipitadamente
me mostras a tua alma erecta.

Mas já não há mãos para cobrir tais distâncias:
a cadeira regressou à floresta
e o preço dos astros desceu;
as pedras subiram sem esforço
e subitamente incendiaram-se todas as gargalhadas.
O mar é uma grande ferida sangrenta
e entre manso
pelas mais altas janelas.

Narro-te apenas o encontro de dois bagos de areia.
Estou exausto tacteio o espaço
incapaz do regresso prometido.

Lembrem-se do ânus como se lembram dos anos
caros amigos
pois no caminho da poesia
por certo nos vamos encontrar um dia.

Meu amor
perdido na ausência
é mais verdadeira
a vida que tens aí
ou a que tens
em mim?

)
(

«Poesia grega clássica — 50 fragmentos», *primeira* ABERTA, setembro, 2018.

«Konstandinos Kavafis — 50 poemas», *segunda* ABERTA, outubro, 2018.

«Walt Whitman — 50 poemas de *Folhas de Erva*», *terceira* ABERTA, novembro, 2018.

«Poesia espanhola contemporânea — 50 poemas», *quarta* ABERTA, dezembro, 2018.

«António Botto — 50 poemas de *Canções*», *quinta* ABERTA, janeiro, 2019.

«Eugénio de Andrade — 50 poemas», *sexta* ABERTA, fevereiro, 2019.

«Luís Miguel Nava — 50 poemas», *sétima* ABERTA, março, 2019.

«Daniel Faria — 50 poemas», *oitava* ABERTA, abril, 2019.

«Al Berto — 50 poemas de *O Medo*», *nona* ABERTA, maio, 2019.

«Cruzeiro Seixas — 50 poemas», *décima* ABERTA, junho, 2019.